

Edgar Racy: Vista Grossa
Por Paula Borghi

Muitas das expressões linguísticas fazem referência às características próprias do local em que se encontram, em decorrência, sobretudo, das nuances culturais, sociais e políticas que as perpassam. São modos de dizer que se comportam como sintomas regionais, que dificilmente conseguem ser traduzidos para outro idioma, quanto mais manterem seus significados simbólicos e semânticos em outra língua. Isso porque, algumas dessas expressões nada mais são do que arranjos de palavras que vêm ao mundo com o intuito de palavrare aquilo que até então era inefável ou que não pode ser dito com suas próprias palavras.

Ao traduzir para o inglês o título da exposição tem-se “View thick”, ao pé da letra, e “Turn a blind eye”, por uma tradução mais sensível ao seu significado expressivo. De modo que, ao se mudar a perspectiva do local, a expressão “vista grossa” no Brasil pode ser completamente diferente de “turn a blind eye” nos EUA, por exemplo. Pois por mais que ambas comuniquem um mesmo assunto, a divergência do entendimento sobre elas é capaz de constituir um abismo abissal naquilo que está subentendido em cada cultura. Não há dúvida de que em qualquer país do mundo pode-se fazer vista grossa, mas isso não significa que esta será feita da mesma forma.

Para além das subjetividades que constituem as características regionais, cabe mencionar o tempo enquanto determinante para a compreensão de determinadas expressões. Por exemplo, fazer vista grossa em um mesmo local nos dias de hoje é completamente diferente do que há dez anos atrás. Já, fazer vista grossa em locais e temporalidades distintas faz com que seus entendimentos sejam outros. Assim como na física, tempo e espaço agem juntos no mundo e em sua leitura.

Ao encontro desta percepção, vale mencionar que toda a exposição foi pensada e criada durante um dos períodos mais críticos que a humanidade sofreu nos últimos tempos. **Vista grossa**, pelas lentes de Edgar Racy, se dirige a uma compreensão sensível do mundo, em que comer é necessidade primeira da existência humana. Partindo do ato de comer como uma luta diária - uma luta pela sobrevivência - o artista enfatiza o tema com poucas palavras: “Não é nada mais do que além da fome”. É a partir deste ponto de fricção comum que abarca a humanidade como um todo, que a exposição problematiza a fome enquanto emergência crucial a ser combatida para a preservação da vida.

Assim como na história da humanidade, o tema da fome é um assunto que atravessa a produção artística de Edgar Racy há tempos. Faz-se urgente abordar a questão com mais ênfase, sobretudo por meio desse sentir sensível das urgências do mundo diante desse espaço e tempo de crise humanitária. Uma crise de doer a barriga, de sentir o estômago se contrair por estar vazio. Foi a partir da empatia que tocou seu estado de espírito, que o artista desenvolveu os trabalhos aqui presentes.

Atentando-se ao mapeamento dos dez países mais famintos do mundo, numa pesquisa realizada nos anos 2019 e 2020 pela plataforma online “Focus Economics” (renda per capita), que Edgar Racy tomou como ponto de partida os dados levantados para a realização da série *Vista grossa*, homônima desta sua individual. Congo, Moçambique, Uganda, Tajiquistão, Iêmen,

Haiti, Etiópia, Tanzânia, Quirguistão e Uzbequistão, nesta mesma ordem, são os dez países em que a fome é o principal afeto que perpassa a vida de sua população; compreendendo afeto como verbo, como ação determinante para se viver.

Utilizando materiais relacionados à alimentação e à habitação, duas das necessidades básicas da vida humana, garrafas de vidro, pratos, tijolos, telhas e carvões moídos sobre lonas desgastadas e remendadas

(geralmente usadas para a construção de abrigos) dão corpo às bandeiras de Edgar Racy. Seguindo uma estética própria do artista, que combina abstração geométrica e palavras, letras feitas de madeira escrevem o nome do principal idioma do respectivo país de cada bandeira e a palavra fome segundo sua linguagem. Uma vez mais, a referência da linguagem enquanto um sintoma regional, dado que tanto a vista grossa, como a fome, variam conforme o tempo e espaço. Uma vez que todos os humanos são capazes de sentir fome, mas não há como comparar o que significa fome atualmente no Congo e na Bélgica, por exemplo.

Assim, se por um lado tem-se a fome, por outro tem-se a abundância; uma vez que ambas são co-dependentes dentro de uma economia neoliberal. Trata-se da abundância associada ao desperdício e aos demarcadores gritantes de desigualdade social, posto que existe alimento suficiente no mundo para ninguém passar fome. Poderia-se dizer que alguns países fazem mais vista grossa a fome do que outros? Ou que alguns países fazem mais vista grossa a fome quando não é em seu país?

A fim de evidenciar os extremos desse cruel sistema neoliberal, Edgar Racy apresenta a série *Via Fondazza*, com treze trabalhos realizados com garrafas de vidro, pratos, tijolos, telhas e carvões moídos aplicados em juta pintada com gesso sobre placas de alumínio. Inspirada nas pinturas de natureza morta de Giorgio Morandi (1890-1964), um dos maiores pintores italianos do século XX, esta série faz referência às imagens de garrafas, de caixas e de esferas; alguns dos objetos pintados exaustivamente pelo artista. Tendo como homônimo a rua onde Giorgio Morandi tinha sua casa/ateliê em Bolonha, na Itália, a série *Via Fondazza*, tem seus trabalhos numerados conforme os números das casas vizinhas ao ateliê do artista.

A respeito desta sensação antagônica que a exposição sugere, Edgar Racy menciona: “São trabalhos tão distantes uns dos outros, que você nem imagina que uma pessoa que está lá no Congo, vamos dizer, vai pensar que um dia alguém vai colocar aquela garrafa e aquele copo em cima de uma mesa e fazer uma pintura. E que aquela pintura será vendida por um valor maior do que se fossem vendidas todas as casas de uma vila congolosa. Então esse contraponto, essa ligação que não existe, cria uma conversa na minha cabeça.” Como se houvesse uma linha que conectasse, mesmo que por meio da impossibilidade, o tempo e o espaço presentes em *Via Fondazza* e *Vista Grossa*.

É com um olhar atento à dissolução dos direitos básicos da vida humana, que esta exposição fala sobretudo da fome proveniente de tanta desigualdade social. Dando luz àquilo que se faz evidente a cada esquina, embora muitos sigam a fazer vista grossa, a exposição é um convite sutil e poético para se estar atendo às urgências do mundo.